

Editorial

Este número propõe investigar quais os mecanismos que permitem a seleção, exposição e, portanto, legitimação, do que chamamos ciência. Tais mecanismos, em busca de uma terra de ninguém da neutralidade metodológica, foram apurados durante o século XIX e XX, chegando à complexa rede de trocas entre pares que constitui, hoje, a malha ramificada da *comunidade científica*. A avaliação cega por outros especialistas no mesmo assunto, a supervisão de conselhos editoriais compostos por nomes consagrados pelo mesmo grupo, a legitimação dos espaços das revistas (ou dos comitês das grandes editoras de livros) se dão, assim, a partir de uma chancela francamente pública, pois atestada por vários membros desta mesma comunidade.

Repetimos a palavra *mesmo* várias vezes pois, apesar de toda a sutil construção aberta ao contraditório, não é difícil de perceber como se fecha o círculo em torno de um núcleo comum de interesse, temas e perspectivas. Vale lembrar que a legitimação gera quantificação, gera elementos passíveis de serem não apenas mensurados, mas também valorados, nos múltiplos sentidos que a palavras carrega em nosso mundo, desde pelo menos o século XIX.

Por outro lado, as várias aberturas disciplinares, com seus objetos e métodos próprios, que se abrem ainda, em leques de metodologias críticas umas às outras, põem a necessidade de se criar um instrumento, uma espécie de grade ou régua, ou uma moeda comum, paradoxalmente, entre tantos métodos, uma arena suprametodológica. Não à toa retomamos o século XIX, pois

muitos dos elementos comentados nas entrevistas que compõem este número - entrevistas com editores de revistas e personalidades do meio acadêmico filosófico brasileiro - versam sobre instrumentos constituídos neste mundo, tais como a avaliação por pares, que remete ao ambiente editorial londrino e data de 1831. Foi o mesmo século XIX e a mesma Inglaterra que inventaram seus instrumentos, e que viram nascer o ludismo, como as confrarias pré-rafaelitas que tentavam fugir do mundo capitalista lhe fazendo oposição nostálgica. E vale lembrar que os pré-rafaelitas incidiam, de maneira artesanal, em um mercado editorial em franca expansão.

Entre uma neutralidade instrumental e sua mera recusa, é possível equacionar uma outra via? Recusar, o sabemos, é simples demais. Pode servir como espaço ao indivíduo, e possibilitar criações das mais instigantes - tal o caso dos pré-rafaelitas, entre outros -, mas é uma perspectiva fadada a ser englobada pelos fagócitos do organismo que quer contaminar. Desse modo, entrar no mecanismo do que chamamos arte - aquela instância aguda que serve de sismógrafo aos movimentos do terreno - ou filosofia, ou ciência, era o que pretendíamos de maneira muito discreta, pelas bordas. Mal comparando, nossa posição em relação ao campo científico não poderia ser de mera recusa pré-avaliativa, mas de compreensão crítica.

Entretanto, não recebemos muitas contribuições para este número, e várias delas não parecem corresponder ao nosso escopo; algumas possuem tom mais de divulgação e de didatismo, que não é o sentido exato que queremos dar à *prática*, e outras são enervadas dessa espécie de ludismo, às vezes mesmo quase ressentido, que também se nos afiguraram pouco interessantes para o debate geral, nos termos que explicitamos na chamada por contribuições, muito embora possam ser muito proficuas do ponto de vista da

obra autoral. Ambas são perspectivas “*legítimas*”, com o perdão das aspas, em suas nuances importantes ao campo, mas não são aquelas que nos interessam ecoar. Como nos alertou um de nossos pareceristas ao aquilatar a falta de clareza do desenho editorial, o ludismo, apesar de seu apelo crítico, acaba por redundar em individualismo, e, nesse sentido, citamos o parecer, com direito às adaptações e ao duplo anonimato:

Encontrar-se-ia então a questão central, todo saber (original ou não) é poder, sem esse tipo de mediação, caímos em um individualismo essencialista. E meritocracia e originalidade redundam o mesmo, gêmeas siamesas.

Paradoxalmente – ou não –, recebemos mais artigos de áreas correlatas do que contribuições sobre o cerne metodológico crítico – e filosófico – da questão em foco. Talvez esteja aí algo a ser investigado sobre a forma de se pensar a filosofia no Brasil, um tanto atrelada a questões ligadas a história da filosofia, ou mesmo a temas metafilosóficos. Seria de se pensar – apenas como hipótese a ser desenvolvida – se tal característica não nos impede de buscar a articulação entre pesquisa e questões mais práticas e contemporâneas de modo rigoroso e autônomo. Da legitimidade muitas vezes quantitativa, não viria, por fim, seu reverso, a crise de legitimação que vivem nossas universidades fora dos círculos propriamente universitários de autoavaliação?

De qualquer forma, pedimos escusas aos autores pelas confusões que podemos ter gerado, e convidamos ao debate sempre renovado por meio de outras submissões e da seção que inauguramos para o próximo número: *Controversas*. As regras para a publicações nesta seção estarão em nossa página em breve. Vale lembrar que a sugestão veio de um fórum de debates com

estudantes e do Prof. Renato Janine, na entrevista que compõe este nosso número.

Dos artigos selecionados que publicamos, temos o de Samira Margotto, doutoranda em Teoria da arte pela FAU – USP, que expõe, de dentro de um campo em que o lúdico é ferramenta disciplinar já clássica – a Arte – o jogo das regras e dos editais e suas artimanhas de retroalimentação, cujo desenho geral leva ao círculo mágico do especialista. Arte feita *para* a própria instituição Arte, nos jogos de contrafação, nas constantes *mimeses* de editais, nas tentativas de reverter, pelas mesmas ferramentas, o aspecto delimitador da classificação *arte*. Dentro do debate mais propriamente metodológico, temos um texto mais voltados ao cerne filosófico da questão, de Bianca Machado, jovem pesquisadora em Filosofia da UnB, que trata do texto primordial de Theodor Adorno sobre o ensaio como forma de exposição conceitual que faz jus a seus objetos. O artigo alerta o quanto é terreno perigoso – sob pena de um positivismo ainda mais enraizado – o flerte entre forma artística e forma conceitual, entre arte e filosofia. O terceiro artigo, de Marco Antonio Rodrigues, doutor em Literatura pela UnB, versa sobre o portal Domínio Público do MEC, e sobre questões em torno das políticas de acesso e de direitos autorais, que novamente nos remetem ao problema da legitimidade, agora sobre uma outra luz, a das especificidades dessa arena pública. De certo modo, a formação de uma comunidade científica autônoma pressupõe não apenas a configuração de um núcleo de especialistas, mas também a instituição de um público crítico, capaz de dar organicidade a uma produção, do contrário fadada ao círculo vicioso de retroalimentação formal. Políticas públicas de acesso e de gestão do patrimônio cultural deveriam, assim, estar na ordem do dia. São elas que, talvez, possam vir a reconstituir a legitimidade cada vez mais questionada das ciências, notadamente as



chamadas “humanas”. Fecha o dossiê, um texto de cunho sociológico, no qual Sabrina Parracho Sant’Anna, docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, faz um histórico das agências de fomento e dos mecanismos de avaliação atuais que dão contornos ao ambiente científico brasileiro. Sabemos que, apesar do interesse do material publicado, muito ficou em suspenso, pensamos em insistir no tema em outra chamada, após esta primeira tentativa. Na seção *Artigos*, publicamos o texto sobre Paul Ricoeur, de Sanqueilo de Lima Santos, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Recebemos inúmeras críticas e sugestões, principalmente de estudantes, algumas bastante intempestivas na verdade. Como esse parece ser o tom do debate atualmente, melhor que abandoná-lo, preferimos torná-lo mais qualificado. Tentamos transformar as indagações em questões técnicas, questões tais como legitimidade acadêmica, anonimato de pareceristas, transparência, papel do editor, originalidade etc. Sem o moralismo dos que clamam de fora por “honestidade” e “transparência”, em tempos de tantos moralismos e julgamentos, preferimos expor os mecanismos como problemas (históricos?) dos quais todos os integrantes do campo são partícipes. Assumimos sempre mais de um papel na comunidade, somos ao mesmo tempo autores, pareceristas e, por vezes, editores. Colocarmo-nos no centro das questões nos soou mais pluralista do que apenas dar respostas, ou virar as costas ao debate. Como bem explicita a entrevista de Renato Janine, não estamos a salvo das contradições e dos erros em qualquer um dos lugares que ocupemos.

Assim fizemos a proposta, na seção *Miscelânea*, de um fórum sobre revistas e comunidade científica, para os quais

convidamos o já citado Renato Janine Ribeiro, pois foi responsável entre 2006 e 2008 pela avaliação dos livros e periódicos pela Capes. Sua entrevista traz, além de dados técnicos/históricos do problema, questões primordiais quanto a temas como internacionalização, periódicos, livros, modos de exposição filosóficos etc. Convidamos ainda vários editores de periódicos nacionais. A escolha, sem ser exaustiva, procurou mapear revistas de extratos diversos (A1, B2), de regiões diferentes do país (Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo, Rio Grande do Sul, Brasília), e ainda levar em conta a pluralidade de gênero das/os editoras/es. Várias/os editoras/es não responderam, e respeitamos suas posições, muitas delas internas ao próprio campo filosófico. Aos que responderam, agradecemos imensamente a contribuição. Temos então as entrevistas com Helton Manchado Adverse, editor da revista *Kriterion* da Universidade Federal de Minas Gerais, uma das mais conceituadas e tradicionais da nossa área, e com Filipe Campello, da *Perspectivas Filosóficas*, revista da Universidade Federal de Pernambuco.

Mesmo a menor das equipes não faz o trabalho sozinha, e são sempre inúmeros os agradecimentos, sempre sob pena de se esquecer alguém. Aos pareceristas, agradecimento sem nomeação; a Caetana Rezende, doutora em Educação pela UnB, que gentilmente transcreveu a entrevista de Renato Janine; a Mathias Möller, mestre em Filosofia pela Unifesp, pela pronta tradução dos e-mails para o alemão e pela constante parceria que já vem da revista *Pólemos*; a Herivelto Souza, docente da UnB, pelo contato com a UFPE; a Marcelo Mari, docente do IdA UnB, por todas as sugestões.

As editoras